

Minha História

Roberto Vicençotto Ribas

No final de 2010, fomos, *come al solito*, a Botuca para o Natal. Tinha um encontro marcado com o jornalista e historiador *João Carlos Figueiroa*, no Centro Cultural, para conversarmos sobre o site *ybytucatu*, que mantemos na internet, sobre a *Meiga Escola* e a História dessa Cidade (www.ybytucatu.net.br). Estava já para ir embora, quando ele me diz - tem uma pessoa que quer muito te conhecer, podemos dar uma passadinha na casa dela? Essa pessoa era a maravilhosa velhinha, *Maria Anna Moscogliato*. Fomos os dois lá, na casa que vocês, de Botucatu, bem conhecem, onde ela e a família sempre viveram. Batemos uma meia hora de bom papo, fiquei encantado com a *Maria Anna*, pequena no tamanho, mas grande pessoa. Na saída, ela me pediu para lhe enviar um curriculum, queria saber mais sobre mim. Eu, como quase todos na academia, tenho o *Currículo Lattes*, no site do CNPq. Coisa uniformizada, boa para quem quer julgar meus pedidos de financiamento na Fapesp/Finep/CNPq, mas quase sem significado para a simpática velhinha. (Vejam o blog dela:



<http://moscogliatoacervobtu.spaces.live.com/> e esta foto, eu e ela, na cerimônia de lançamento do livro comemorativo do Centenário da Meiga Escola).

Então resolvi escrever um *curriculum vitae* especialmente para ela e que reproduzo abaixo.

Minha História

Nasci em *Tupã*, SP, mas logo depois, com cerca de 6 anos de idade já residia em *Botucatu*, cidade de origem de meus pais. Meu pai, *Miguel Ribas Campos*, na verdade nasceu em *Alcolea*, um pequeno povoado de montanha, na província de *Almeria*, *Andaluzia*, sul da *Espanha*. Chegou em *Botucatu* com cerca de um ano de idade, quando sua família para cá emigrou. Seu pai, *Estevan Rivas* era carpinteiro, sua mãe *Helena Campos* era irmã de *Tereza Campos*, casada com o velho *Gabriel Melhado*, cuja família havia emigrado ao Brasil anos antes. Minha mãe, *Irene Vicençotto Ribas*, é filha de *Francesco Vicenzotto*, natural de *Gaiarini*, um vilarejo da província de *Treviso*, no *Veneto*, *Itália*. Com sua família, migrou para *Botucatu* também com poucos anos de idade, no final do século XIX. Sua mãe, *Rosa Spago*, também de origem veneta, nasceu em *Botucatu*, também no final do século XIX. Ao chegarmos em *Botucatu*, em 1956, meu pai para lá transferido, a pedido, pelo *Banco do Brasil*, moramos por cerca de um ano com vó *Rosa*, vô *Chico* e tio *Leo* (*Milton Vicenzotto*, do *Vicenzotto e Momesso Alfaitaria*, então solteiro). Nesse meio tempo, meus pais construíram a casa no Bairro Alto (*Rua Capitão José Paes de Almeida*, 243), onde morei até minha vinda a *São Paulo*, em 1970, para frequentar o curso de *bacharelado em física*, na *Universidade de São Paulo*.

De 1958 até 1969, cursei o primário, ginásio e científico no *Instituto de Educação Cardoso de Almeida* - IECA. Fiz também lá, obviamente, o quinto ano primário, bem como frequentei o externato de *Dona Cira* (que também era a professora do quinto ano), condição necessária para se estar bem preparado para o *exame de admissão ao ginásio*, do IECA. Professoras do primário foram *Dona Laire Cavalini*, *Dona Olga*, a do terceiro ano já não me lembro e *Dona Laire* novamente no quarto ano (da professora do primeiro ano a gente nunca se esquece e *Dona Olga* era uma professora muito rigorosa, também difícil de se esquecer...). Já no ginásio, percebi minha vocação para as ciências. Gostava muito das aulas do *João Queiroz Marques* e sempre fazia algumas experiências para mostrar em classe. Rádios de galena, me lembro de ter feito vários. Ao mesmo

tempo, o interesse pela música começou, nem me lembro bem como, mas decidi que queria aprender a tocar violão. Tive cerca de dois anos de aulas com o *Edvaldo Troncarelli* – grande violonista, iniciadas por volta de 1963. Depois, *Edvaldo* foi embora (para fazer engenharia no ITA, em *São José dos Campos*) e ele me indicou seu ex-professor, o velho *Vicente Moscolliato*, com o qual tive mais um a dois ano de aulas. Então me entusiasmei com *Beatles* e o *rock*, larguei o violão clássico e junto com o *José Roberto Nogueira Pinto* (Zebão), o *Mário Cervi*, o *Luis Aliberti* (Lan) e outros, fizemos um “conjunto”, que embora de *rock* americano, tinha um nome mais dos nossos: *Querubim e Seus Anjos D'oiro!* Quem teria proposto tal nome para uma banda de *rock*? Não fizemos nenhum sucesso, mas nos divertimos bastante. Também, nessa época, fiz um curso de *Radiotécnico* por correspondência, no *Instituto Radiotécnico Monitor*. Numa época, eu e o *José Paschoal Simonetti Scolastico* tínhamos uma oficina de conserto de rádios. O dinheiro que ganhávamos não dava nem para o sorvete no recreio, mas também foi divertido. Já mencionei parte dessa história no relato “Xibungo, Veinha e Pilulí”, que fiz para minhas filhas e netas. Essa minha formação básica em eletrônica foi e continua sendo muito útil em minha vida profissional atual. Meus atuais projetos de pesquisa em instrumentação nuclear devem um bom tanto a essa formação precoce em eletrônica. Essa formação também me foi muito útil nas minhas aventuras musicais e teatrais da adolescência. Após terminarmos a tal banda de *rock*, o *José Batista Dal Farra*, (grande músico, teatrólogo e hoje professor na *Escola de Comunicações e Artes* da USP) me convidou para fazer parte de sua nova banda. Ciente da muito superior qualidade musical dele e de seu grupo, recusei, mas me propus como integrante técnico, para fazer iluminação e desenvolver equipamentos para o grupo. Fiz vários dispositivos para a banda, o mais notável, uma câmara de eco, para a qual acabei destruindo um velho gravador de fita do *Alcides Nogueira Pinto*. *Jalfa!* - se chamava a banda, com as iniciais de *José Batista*, *Antonio Carlos* (os Dal Farra), *Luiz* (Lan) *Aliberti* e *Fernando Consorte*. Fazíamos, aos sábados, a “brincadeira dançante”, no 24 de Maio. Também, nessa mesma época, integrei o GRUTA – *Grupo de Teatro Amador*, filiado ao *Taenca* e dirigido pelo *Alcides Nogueira*. Eu, *Zebão* e *Mário Cervi* fazíamos a iluminação. Chegamos a ganhar o prêmio de “melhor iluminação” em Piraju, etapa de um dos “Festival Estadual de Teatro Amador”. Montamos duas peças: *O Caldeirão – Sinais Apontam os Inimigos* e *Partida Para o Centro do Peito*, ambas de autoria do *Alcides*. Esses anos são inesquecíveis e foram fundamentais em minha vida e formação como pessoa.

Em 1969, cursei o último ano do científico, fazendo ainda o *Tiro de Guerra*, como quase todo mundo em *Botucatu* fazia. Não era nenhum divertimento, mas também valeu a pena. Duas horas ao dia não atrapalhava muito e me deu a possibilidade de conhecer uma porção de gente que não teria outra oportunidade de conhecer. E também de conhecer um pouco desses militares que na época governavam o país. Não se podia ter uma exata ideia deles, pois os Sargentos que nos instruíam, gente séria em seu trabalho, pareciam-se mais com aqueles “Gordo e Magro”, de um antigo filme, em que continuavam a manter o posto de guarda, num fronte da segunda guerra mundial, embora ela já estivesse acabado há muito tempo. Em meio a instruções de montar e desmontar o armamento (fuzis alemães da primeira guerra!), tínhamos um bom tanto de orientação sexual, doenças venéreas, etc. Acho que para boa parte de meus colegas, isso foi fundamental, já que na escola regular não se falava dessas coisas. Eu, desde minhas primeiras aventuras com a eletrônica, tinha como certo fazer o vestibular para a engenharia. Me lembro muito bem, já quase no final do ano, conversando com meu colega de classe, o *Nilson Villas Bôas*, disse-lhe de minha opção pela engenharia. Ele me disse que iria fazer física. Eu respondi – para que, ser professor do científico? Ele replicou – não, fazer pesquisa, física nuclear, astrofísica, sei lá mais o que me disse dessa magnífica opção. Eu rapidamente concluí que era isso e não a engenharia que eu estava buscando. Fui para o bacharelado em física, o *Nilson* acabou indo para o cinema, acho que está nesta área até hoje. Nesse final de ano, terminando o científico, não tinha ainda pretensões de prestar o vestibular. Física teria de ser na USP e não me achava bem preparado. Ano que vem seria de cursinho pré-vestibular. Então o *Ivo Nicoletti* (hoje um grande empresário da construção civil em São Carlos), também meu colega de classe, no final do ano letivo, me faz uma proposta: vamos pra *São Paulo*, fazer um curso intensivo (o do *Grêmio da Poli*, que até hoje mantém um curso

preparatório para a área de exatas, com baixo custo e muitas bolsas para quem não tem muito recursos). Era um “intensivão”, com duração de um mês (dezembro) e cerca de 8 horas de aulas por dia. Topei e fomos. Ficamos hospedados num pequeno apartamento que a empresa em que seu pai trabalhava mantinha na rua do *Triumpho*, na época com comércio e serviços direcionados para o cinema. As aulas eram nos prédios da velha *Escola Politécnica* (antes de ser totalmente transferida para a *Cidade Universitária*), próximos à *Estação da Luz*. Fizemos o *Mapofei* e eu acabei ingressando na USP. Na verdade, entrei para Matemática, uma de minhas opções, não queria fazer o curso. Uma amiga me disse que muito provavelmente poderia aproveitar as disciplinas cursadas no primeiro ano, caso, no ano seguinte conseguisse ingressar na física. Tinha já combinado, com meu amigo *Alcides Nogueira*, sua amiga e colega da escola de direito (*São Francisco*), a *Scarlett Marton* (hoje minha colega, professora titular da *Faculdade de Filosofia* da USP), e mais a *Setsuko* (nem sei bem dizer como eles a conheceram em *São Paulo*), a fazer uma grande viagem de carona, pela *América do Sul*. Uma viagem magnífica, de cerca de 40 dias, por *Paraguai, Argentina, Chile e Uruguai*. Quando retornamos a *Botucatu*, tive uma boa e uma má notícia: na segunda chamada, eu havia sido classificado para o bacharelado em física, mas meu pai, que fez minha matrícula na matemática, por procuração, não tinha uma outra para a do curso de física e não pode fazê-la. Retornei a *São Paulo*, as aulas já quase iniciando e fui ao *Instituto de Física*, para saber das possibilidades de ainda me matricular. Naquela época, início do IF após a reforma universitária, eram estudantes do *Centro Acadêmico* que cuidavam das matrículas. Conteí meu caso, fizeram minha matrícula sem garantias. Semana depois, volto para o início das aulas, meu nome estava na lista! No *Instituto de Física da USP* fiz o bacharelado, o mestrado e doutorado. Em toda minha vida, estudei em somente duas escolas!

Depois de ter ingressado no curso de bacharelado do IF-USP, em 1970, minha vida esteve sempre ligada a essa *Universidade*, onde desde 1980 sou professor. Após ter iniciado o mestrado, no final de 1975 comecei a procurar uma posição profissional, já que havia me casado com a *Margot* (até hoje, 36 anos de vida juntos já completados) e já havia nascido nossa primeira filha. Fiz um concurso, no *Rio de Janeiro*, na *Nuclebrás*. Foi um sufoco – banca de militares, daqueles exigentes, que não queriam me deixar consultar minha esposa, se aceitaríamos nos transferir para um lugar que eles não podiam me dizer qual, e nem diziam se eu poderia terminar meu mestrado. No fim, embora o salário oferecido fosse muito bom, recusei a oferta (grande decisão!). Logo depois, fiquei sabendo que tinham três posições, para físicos, na *Unesp*, em *Botucatu*. Uma na área de *Biofísica*, outra na *Agronomia* e a terceira para a área de *física médica*. Me inscrevi nas três. O *Pedro Hélio Luchiari*, meu antigo professor no IECA e então professor no *Departamento de Biofísica*, me chamou para um papo, na época dos concursos. (Eramos contra-parentes, já que minha prima *Noêmia* é casada com o *Progressinho (Garcia Filho)*, e o *Luchiari*, na época, casado com uma irmã dele, se bem me lembro). *Luchiari*, ao me ver, cabelos longos, roupas muito casuais para aquela instituição, me disse que na *Biofísica* eu tinha poucas chances, já que entre os inscritos havia um com doutorado na área. Mas me recomendou também, para os outros dois concursos, que ao menos me vestisse com uma camisa de mangas compridas e calça social - Conheço o IF, onde também estudei - ele me disse, mas esta é uma escola de Médicos, eles são muito susceptíveis à indumentária!. Nos outros concursos também haviam candidatos mais preparados que eu, e acabei não ganhando nenhum deles. Mas num desses concursos, conheci um dos candidatos, o *Isaac Queiroz*, que, na época era professor na *Universidade Estadual de Londrina*, no *Paraná*. Me disse que lá também havia um concurso para físicos. Me inscrevi e para lá fomos, eu e *Margot*, para conhecer a cidade, ver se valia a pena e fazer o concurso. Desta vez me preparei bem: cortei os longos cabelos, vesti uma calça de alfaiate, que meu *tio Leo* me havia dado de presente de casamento e me apresentei para a entrevista. Quase errei de novo! Um dos membros da banca, sentado bem no meio, com uma vasta barba e cabeleira (e uma tiara de couro) era o que mais perguntava. Acabei sendo contratado, mas o *Roberto de Andrade Martins*, que me entrevistou, estava de saída daquela *Universidade*. Eu já o respeitava, embora não o conhecesse, pois ele e outros colegas editavam “Os Porões da Física”, uma interessante revista (de mimeógrafo) sobre a física moderna e suas origens, em minha época de graduação, quando ele também lá estudava. Hoje ele é professor de *história da ciência*, na

Unicamp. Ficamos pouco mais de dois bons anos nessa agradável cidade de *Londrina*, bem nos primeiros anos daquela *Universidade*. Temos até hoje grandes amigos daquela época. Depois, em julho de 1978, acabamos voltando para *São Paulo*. Eu queria iniciar meu doutorado, *Margot* mais uma vez tendo de abandonar o curso que fazia na Universidade (ela havia entrado na *Filosofia* da USP, cursado por cerca de dois anos, quando fomos pra *Londrina*). Lá fez novo vestibular para a área de Artes - lá não havia curso de filosofia. Foi muito ativa no movimento estudantil. Lá também nasceu nossa segunda filha. Voltamos, pois além da história do doutorado, me haviam proposto um muito bem remunerado trabalho em uma indústria (a *Indústria de Antenas Jundiá*, do Beto, marido da *Cláudia Pedroso*, minha grande amiga de *Botucatu*). Trabalhei em tempo integral naquela indústria por cerca de seis meses, como havíamos combinado, depois passei a tempo parcial e iniciei o doutorado. Estava na metade dele, quando no final de 1980, fui contratado para a posição de *professor assistente*, no *Departamento de Física Nuclear – Instituto de Física* da USP, onde permaneço até hoje.

Terminei meu doutorado em setembro de 1982 e no ano seguinte fomos, por um ano, para um pós-doc meu no *Oak Ridge National Laboratory*, um grande laboratório nacional americano, em *Oak Ridge, Tennessee*. Um grande ano, do ponto de vista profissional e de vida, tanto para mim quanto para *Margot* e nossas filhas, *Camilla* e *Carolina*, que lá estudaram (terceiro e segundo ano da escola fundamental) e voltaram falando um inglês fluente e todos nós conhecedores de uma outra e muito diversa cultura. Posteriormente, moramos também, por um ano em *Legnaro (Padova)*, na *Itália*, para mais um afastamento sabático meu (*Universidade de Padova, Laboratori Nazionali di Legnaro*). Lá também, nós todos pudemos conhecer e viver com povos diferentes. Muito melhor que fazer viagens turísticas a esses lugares, é viver neles! Acredito que a formação eclética de minhas filhas é em grande parte devido a essas oportunidades que meu tipo de trabalho permitiram. *Camilla* ainda estudou cinema em *Cuba* (*Escola Internacional de Cine e TV*) e *Carol* viveu um bom tempo em *Buenos Aires*. *Camilla* atualmente vive em *Berlim*, com seu marido *Dirk* e sua filha *Hannah*. *Carol*, *George*, a filha *Irene* e o *Paulo*, que deve nascer em fevereiro, moram em *São Paulo*. Ambas estudaram sempre em escolas públicas, *Carol* se formou na FAU (*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo* da USP). *Margot*, música, cantora, atriz, cantou em vários bailes de formatura da *Unesp* em *Botucatu*, quando integrava famosas bandas do gênero. Como atriz, fez *Hair* (quando a conheci, direção do Altair Lima), *Ópera do Malandro* (do Chico Buarque, dirigida pelo Luiz Antônio Martinez Corrêa), *O Carnaval do Povo* (Teatro Oficina, direção do Zé Celso Martinez Corrêa) e *Madame Pomerry* (do Alcides Nogueira, direção do Antonio Abujamra). Durante vários anos manteve um estúdio de gravação e produção de áudio aqui no *Butantã*, SP. Terminou o curso de licenciatura em artes depois que regressamos de *Londrina*, foi diretora de artes de um CEU em São Paulo e continua estudando: se formou também recentemente em *Gestão de Rádio e TV* e agora termina o curso de jornalismo (quando essa mulher vai parar de estudar?)

Em 1994, finalmente fiz o concurso de *Livre-Docência*, e dez anos depois fui aprovado em um concurso para *Professor Titular*, no *Departamento de Física Nuclear do Instituto de Física*, USP. De 1999 a 2000 fui Diretor do *Laboratório Aberto de Física Nuclear – LAFN* (laboratório do *Departamento de Física Nuclear*), posição para a qual fui novamente indicado para o período 2005-2006. Desde 2007 sou o Chefe do *Departamento de Física Nuclear*, atualmente no segundo mandato. Orientei três alunos de mestrado, dois de doutorado (poucos, pois investi muito de meu tempo para manter, principalmente a instrumentação eletrônica em nosso laboratório) e vários de iniciação científica. Publiquei, até o presente momento, mais de 80 artigos em revistas científicas internacionais (arbitradas e indexadas) e número equivalente de contribuições em anais de conferências nacionais e internacionais. Participei também, como membro organizador ou de comitês científicos de vários eventos nacionais e internacionais. Fui membro da *Comissão de Pós-Graduação* do IF e do *Comitê Científico de Avaliação de projetos do CNPq*, por três anos. Mais detalhes de minha vida profissional podem ser encontrados no google (busca por “RV Ribas”, “Roberto V. Ribas” ou “Roberto Vicençotto Ribas” - sempre com aspas, senão vem um monte de coisas não relacionadas!), no ISIS (web of science - “Ribas RV”) ou em meu *Curriculum Vitae* na plataforma *Lattes* do CNPq (<http://lattes.cnpq.br/4042444267507010>). Mais informações também

em minha página pessoal: <http://www.dfn.if.usp.br/~ribas/>,

Dezembro, 2010

